

maio
junho
72



O MINISTÉRIO adventista

"Fortalecer os Joelhos Trementes"

(Isa. 35:3-10)

POR QUE pregamos o Evangelho? Será para aumentar o número de membros da Igreja Adventista? Para alcançar alvos? Para fazer proselitismo?

O Evangelho pode ser pregado por "inveja e porfia" ou "de boa mente," "por amor" (Filip. 1:15 e 16). Pode ser pregado por ser esse o nosso trabalho ou por ser um "fogo ardente introduzido em nossos ossos" que não podemos deixar de transmitir. Os que têm dado a vida pela pregação, ou têm desafiado as oposições, têm-no feito porque estavam conscientes do que a mensagem significava para os que a ouviam; além do mais, porque estavam plenamente seguros do prejuízo que sofreriam os que não a aceitassem, fosse por preferência própria ou por desconhecimento.

O Evangelho de Cristo é hoje a solução dos problemas, como o foi através de todos os séculos. O mundo de hoje, altamente tecnificado, tem tão grande necessidade do que é de real valor, como o mundo dos primeiros séculos. O labor do ministro de Deus hoje, não é simplesmente fazer prosélitos, mas sim comunicar ao mundo o poder, a presença e a salvação que provém de Deus.

Conseguir cabalmente este ideal não é fácil. O pregador deve ser uma mistura de profeta apocalíptico e mensageiro evangélico; ou de João Batista e João evangelista. Deve falar de Deus como fogo consumidor, e Deus de amor; deve repreender e ao mesmo tempo dar esperança; castigar, e deitar azeite sobre a ferida; falar da destruição do dia de ajuste de contas e do

bálsamo benfazejo que emana da cruz de Cristo; da "bondade e severidade de Deus" (Rom. 11:22).

Manter o equilíbrio é o segredo da pregação de êxito. Pregador de êxito é aquele que faz ver ao ouvinte o negror de seu pecado, a profundidade do abismo em que caiu, mas que ao mesmo tempo lhe estende o elemento purificador e redentor, capaz de insuflar-lhe nova vida, e uma escada para que abandonar para sempre o poço. Por outras palavras, é o que sempre dá esperança, paz, "novo cântico," alegria de viver, orientação, tendo às vezes de chegar a isso por caminho penoso e difícil.

Um mal mais ou menos comum, todavia, é a apresentação de mensagens negativas, às vezes em tom enfermizo — mensagens que não saciam os famintos da congregação, e não lhes outorgam forças renovadoras para continuar a luta pela vida. O perigo é confundir consagração com tristeza, reavivamento com lágrimas. É certo que as lágrimas e as tristezas devem acompanhar algumas vezes o processo doloroso do reconhecimento do pecado, mas nenhum pecador deve ser enviado de volta para a rua, sem antes ver a clara luz do perdão, a salvação e a paz em Cristo. Também é certo que às vezes as lágrimas são revelação da alegria que experimenta alguém que fez uma grande descoberta. Lembramo-nos do caso daquela mãe que chorou copiosamente ao receber são e salvo o filho que ela julgara vítima de terrível acidente. Temos também visto ouvintes chorarem ao contemplar a grandeza do sacrifício de Cristo através de uma pregação inspirada. Não o faziam por compaixão para com o Mestre, mas sim de alegria ao saber que tudo isso representa a sua salvação, e ao dar-se conta de que o desespero e o vazio que os acompanharam em épocas anteriores não tinham razão de ser, já que Cristo provera a solução ao seu grave problema.

Talvez o tipo de pregação que apresentamos revele nosso estado de ânimo. Quem é pessimista sem dúvida apresentará mensagens pessimistas. Quem é positivo revelará sua fé e confiança através de uma pregação positiva. É por isso que o pregador deve primeiro experimentar a teoria do que prega, para que sua palavra tenha profundidade e seja incisiva. Não convencerá a ninguém da realidade do perdão, o pregador que sinta na consciência o peso de faltas não corrigidas. O sermão sobre a necessidade do desprendimento e da abnegação dos que aguardam a Cristo, não chegará ao coração do ouvinte se o pregador viver para juntar posses terrenas. Não poderá pregar gozo, paz e felicidade o pregador que tenha amarguras interiores, nem o amor ao próximo aquele que tenha ciúmes do progresso alheio e cultive egoísmo e inveja.

Virá à consciência do ouvinte a transformação se o pregador, falando da conversão, revelar

através de sua vida pública e particular que algo sobre-humano se operou em seu ser. Demonstra entã que vive para amar, e fala de experiências vividas e conhecidas por seu auditório.

O mundo carece hoje do espírito de João Batista, para desmascarar a Babilônia e seus pecados: isto é parte importantíssima da mensagem dos três anjos. Mas o mundo precisa também de pregadores que falem da realidade da paternidade de Deus, da certeza do perdão, da convicção da breve volta de Cristo, das bênçãos que a vida cristã proporciona, enfim, de pregadores que dêem aos ouvintes uma razão gloriosa para viver e superar seus problemas e lutas.

Desejamos cumprir esta tarefa organizadamente, mediante uma das semanas de colheita 1972. Demos-lhe o título de SEMANA DO OTIMISMO. O alvo é aproximar-se do desesperançado com esperança, do sofredor com o bálsamo que cura, do desanimado com ânimo. O âmago de nossa pregação durante aqueles dias baseia-se no espírito daquelas declarações inspiradas: "Vinde a Mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e Eu vos aliviarei." S. Mat. 11:28. "Os jovens se cansarão e se fatigarão, e os mancebos certamente cairão, mas os que esperam no Senhor renovarão as suas forças, subirão com asas como águias; correrão, e não se cansarão; caminharão, e não se fatigarão." Isa. 40:30 e 31. "Pós um novo cântico na minha boca, um hino ao nosso Deus; muitos O verão, e temerão, e confiarão no Senhor." Sal. 40:3. "Não temerás espanto noturno, nem seta que voe de dia." Sal. 91:5. "Far-me-ás ver a vereda da vida; na Tua presença há abundância de alegrias; à Tua mão direita há delícias perpetuamente." Sal. 16:11. "... Eu vim para que tenham vida, e a tenham com abundância." S. João 10:10.

Esta espécie de pregação exige muito preparo. Não só o preparo dos sermões, mas também o preparo do próprio pregador, para que possa falar de coisas que veio a conhecer por experiência própria. Sugerimos que se termine a leitura destes períodos com um auto-exame: Como é minha vida cristã? Estou pregando de coisas que conheço por havê-las vivido, ou são elas simples teorias, lidas nos livros? Estou certo de haver experimentado uma conversão genuína? É a religião para mim a "pérola de grande preço?" Ou estou neste caminho porque as circunstâncias nele me colocaram? Posso eu, como ministro, impressionar o povo como alguém que crê sinceramente no que prega?

Se nossa experiência cristã é a que devia ser, a pregação trará fruto, e ao terminarmos nossas mensagens da Semana de Otimismo, nossos ouvintes serão levados a dizer: "Iremos convosco, porque temos ouvido que Deus está convosco." Zac. 8:23.



Órgão publicado bimestralmente pela
Associação Ministerial da Igreja Adventista do
Sétimo Dia

Editado pela
Casa Publicadora Brasileira
Santo André, São Paulo

Diretor — Rubén Pereyra
Gerente — Bernardo E. Schuenemann
Redator responsável — Carlos A. Trezza

Colaboradores especiais:
R. A. Wilcox e Enoque de Oliveira

Assinatura Anual US \$ 3,00
Número Avulso US \$ 0,50

2015

Ano 38	Mai-Junho	N.º 3
--------	-----------	-------

NESTE NÚMERO

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO		
"Fortalecer os Joelhos Trementes"	2	
"AGORA" EVANGELISMO		
John W. Fowler	4	
SALVAÇÃO		
Jaime Cruz	7	
CONSAGRAÇÃO		
Oswaldo R. de Azevedo	8	
VAIDADES E GRANDEZAS DE UM MINISTRO		
João Cabezas	11	
CONSOLIDAÇÃO ESPIRITUAL		
Léo Ranzolin	12	
A DOXOLOGIA DO PAI NOSSO		
Arnaldo B. Christianini	16	
10 PERGUNTAS AO PASTOR S. HOFFMANN		18
SEMANA DE OTIMISMO		19
OS "SIM" E OS "NÃO" DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA		
Ernesto H. J. Steed	20	
IGREJAS A VENDA		21
PERGUNTAS SOBRE DOCTRINA		
COMO OS ADVENTISTAS COMPREENDEM O MILÊNIO		22

“AGORA”

Evangelismo

JOHN W. FOWLER

Secretário Ministerial da Associação do Wyoming



TEM sido sempre do caráter da igreja adventista do sétimo dia um programa evangelístico agressivo. Embora o evangelismo tenha sido sempre a chave do crescimento da igreja, esta tem experimentado uma gradual transição que faz da obra de evangelização hoje a mais eficaz de toda sua atividade.

Nos primeiros tempos da história da igreja adventista, o evangelismo consistia antes de tudo numa dinâmica plataforma de personalidades cuja capacidade incomum de atrair e prender grandes auditórios era o segredo do sucesso evangelístico. Deus usou este meio de salvar almas de maneira poderosa, e há hoje entre nós grande número de pessoas ganhas por homens tais. Entretanto, eficiente quanto possa ter sido este processo, ele tinha alguns problemas.

Ao considerar esses problemas e a transição experimentada hoje, temos de reconhecer que naquele tempo houve poucas igrejas estabelecidas que dessem sustento às reuniões de evangelização e nas quais pudessem os novos convertidos ser inscritos como membros. Muitas dessas reuniões eram realizadas em áreas onde havia nesse tempo poucos adventistas do sétimo dia

O sucesso evangelístico depende não tanto da habilidade e capacidade do evangelista como da personalidade e atividade da igreja.

— quando os havia — e tais áreas ainda existem hoje. Nestes casos alguns dos processos primitivos, adaptados naturalmente, são ainda importantes. Neste artigo, entretanto, estamos pensando em evangelização nas áreas onde temos igrejas.

Possivelmente a maior preocupação relacionada com as primitivas campanhas públicas era a elevada média de apostasia entre os recém-conversos. Surpreendentemente grande número de novos conversos deixavam a igreja pouco tempo depois do batismo; conseqüentemente, a transição das reuniões evangelísticas para a igreja na qualidade de membros era difícil e muitas vezes uma experiência penosa. A apostasia durante este período de evangelismo adventista alcançou muitas vezes 50 a 60 por cento do número de ingressantes na igreja. Segundo o *Adventist Evangelism*, pág. 130, de Howard B. Weeks, a média de apostasias subiu em 1926 a 62 por cento dos novos membros.

Outra preocupação era o grande dispêndio de fundos que muitas vezes esgotava os recursos financeiros de um campo. O alto custo do longo e necessariamente bem estruturado programa de evangelização muitas vezes restringia o evangelismo a umas poucas áreas seletas do campo, enquanto outras recebiam pouco ou nenhum auxílio.

Por outro lado havia poucos homens com personalidade de oradores aceitável. Considerando a necessidade do campo mundial, não é difícil ver a desvantagem deste processo. E mais, onde havia membros de igreja, o processo não requeria o seu real envolvimento, pois a obra total de evangelismo era feita pelo evangelista e seu *time*. Embora freqüentemente coroado de sucesso, com o raiar da era tecnológica, a atração e manutenção de grandes audiências tornou-se cada vez mais difícil e dispendiosa.

Evangelismo Centrado na Igreja

Hoje a experiência e as circunstâncias têm requerido da maior parte um comportamento inteiramente diferente em relação ao programa evangelístico. A chave do sucesso agora difere do passado em que ele se centraliza na igreja e não no evangelista. O sucesso evangelístico depende não tanto da habilidade e capacidade

do evangelista como da personalidade e atividade da igreja.

Este processo simplesmente diz que a primeira obra da igreja é evangelização; que cada departamento e cada membro da igreja esteja ativamente empenhado num só objetivo de salvar almas; que haja constante e firme trabalho pela totalidade da igreja em semear, cultivar e colher! Neste processo o trabalho de semear e cultivar é deixado principalmente aos membros da igreja em harmonia com os departamentos, enquanto a colheita é geralmente feita numa curta série de reuniões evangelísticas, normalmente com uma duração de umas quatro semanas. Entretanto, a maior partilha de responsabilidade para o sucesso de cada fase do programa de salvar almas, inclusive as reuniões evangelísticas propriamente ditas, recai sobre a igreja.

Uma vez tomado este programa e levado avante pelas duas partes — o corpo ministerial e o leigo — e receba a devida ênfase por parte do campo, suas vantagens e méritos são depressa vistos e apreciados.

Menos Apostasias

Provavelmente a vantagem mais significativa deste processo é a redução no número de apostasias. Com o uso de mais igrejas como centros de evangelização e a gradual transição do processo evangelístico para dentro da igreja, a média de apostasias decresceu. Hoje essa média é baixa em todo o tempo, não indo além de 30 por cento do total dos que se tornam membros (Ver gráfico neste artigo). Uma vez que o maior do trabalho de salvar os novos conversos é feito pela igreja anteriormente ao esforço evangelístico, esses novos conversos já estão, ao tempo do batismo, devidamente orientados pela igreja. Assim que a transição para o modo de vida adventista é gradual e menos difícil. Isto, juntamente com o vínculo social que resultou do contato com a igreja durante o período de doutrinação, resulta em menos apostasias. Howard Weeks fala de algumas dessas vantagens em seu livro já citado, pág. 270: Com a média de apostasias em 1964 em apenas 31 por cento dos que se uniram à igreja, o nível mais baixo desde a I Guerra Mundial, os campos prontamente dão o seu apoio a cam-

A chave do sucesso no processo evangelístico de hoje é o membro individual da igreja.

panhas curtas. Sua dedicação aos futuros membros já pré-condicionados causa menos transtornos à congregação, são menos despendiosas, e possivelmente mais produtivas no sentido de relações favoráveis na comunidade do que séries longas em que a carga de emoções e a necessidade de disputa em torno de pontos doutrinários, muitas vezes prejudicam as relações com outras igrejas.

Maior Envolvimento

Outro aspecto tremendamente importante no evangelismo de hoje é o envolvimento de maior número de membros da igreja no trabalho de salvar almas. Ao se tornarem os membros mais ativos na atividade evangelística da igreja, surgem menos problemas e a saúde espiritual da igreja melhora. E mais, se um número cada vez maior de membros da igreja se envolve na atividade evangelística, pode ser dirigida com sucesso uma série de conferências nessa igreja pelo menos duas vezes ao ano, com resultados favoráveis tanto para a série como para a própria igreja. Ao verem os leigos o interesse aumentando com positivos resultados, um reavivamento toma conta deles e de toda a igreja. Os transviados são procurados e convidados a voltar ao rebanho. E ao verem os membros as ricas bênçãos de Deus sobre os seus esforços, sua entrega a Cristo se aprofunda e aumenta sua atividade em favor das almas.

Cada Pastor um Evangelista

Este processo tem um outro aspecto singular: permite que cada pastor se torne um evangelista. A reunião evangelística é simplesmente a última fase no palpitante trabalho de salvar almas. A semeadura e o cultivo já foram feitos quando a série evangelística começou; portanto, a colheita é mais fácil, não dependendo de personalidades como no passado. Conseqüentemente temos maior número de nossos pastores servindo eficazmente como pastores-evangelistas. Temos também hoje centenas de pastores-evangelistas batizando regularmente cada ano cerca de 100 pessoas, quando no passado pouquíssimos faziam isto. Segundo *The Ministry* de junho de 1969, houve em 1968 184 evangelistas com 100 batismos ou mais!

Não devemos esquecer a grande vantagem financeira deste processo. Séries curtas podem

ser dirigidas perfeitamente e com proveito na própria igreja. Há menos necessidade de dispendiosa propaganda, porque esta já foi feita pela própria igreja, e os assistentes em geral vêm como resultado do trabalho dos membros. Com isto, pode-se realizar um número maior de séries cada ano, com a despesa praticamente só do evangelista e auxiliares. Isto significa que um evangelista de tempo completo pode sem dificuldade dirigir de sete a oito campanhas por ano.

Novo Despertamento

Todo o campo está compreendendo rapidamente que cada departamento da igreja deve despertar para a obra de salvar almas — razão única pela qual esses departamentos foram criados. Nossos líderes compreendem muito bem que toda atividade de salvar almas deve ser coordenada de maneira a incindir na preparação para campanhas evangelísticas. Onde esta visão se torna realidade, está assegurado o êxito de campanhas evangelísticas curtas. As possibilidades de tal programa são ilimitadas. Isto é perfeitamente visível em certas áreas do campo.

A necessidade de coordenar a atividade total evangelística do campo, bem como de dar assistência ao pastor em todo o seu programa tendo relevância à posição do secretário ministerial do campo. Além da condução de várias séries evangelísticas cada ano, o homem chamado para esta função recebe, entre outros deveres, a responsabilidade de coordenar toda a atividade evangelística do campo. Ele trabalha em íntima associação com os outros departamentos no sentido de focar toda atividade num só objetivo: preparação para séries evangelísticas em todo o campo.

Precisamos ter em mente que a chave do sucesso no procedimento evangelístico de hoje é o membro individual da igreja. Somente quando os membros se empenham ativamente em semear e cultivar a semente da verdade pode seguir-se uma farta colheita de almas. Deus está esperando por Seu povo. Se acordarmos e pusermos cada homem no trabalho e então ordenarmos bem esse trabalho de todos, logo o mundo inteiro terá ouvido da mensagem de um Salvador crucificado, ressuscitado e prestes a voltar.

Salvação

JAIME CRUZ

Professor de Teologia do Colégio
de Montemorelos, México

O CONCEITO bíblico de salvação desenvolve-se progressivamente nos escritos de S. Paulo. Quando ele pensou acerca da salvação cristã, viu-a como uma palavra com três tempos. Significava um *acontecimento* passado, uma *experiência* presente, e uma *esperança futura*. "Fomos salvos" (esothemen, Rom. 8:24); "sois salvos" (sozesthe, I Cor. 15:2); "seremos por Ele salvos" (sothesometha, Rom. 5:9). Estes três aspectos da salvação, estes três tempos, estão condensados em Rom. 5:1 e 2.

Por outras palavras: ao pensar Paulo na salvação, retrocede ele ao tempo em que, pela fé, o crente recebeu o perdão de Deus em Cristo; permanece em sua felicidade presente ("esta graça na qual estamos firmes"); e atenta para o futuro, ao tempo em que, ao acabar-se o pecado e a morte, verá o esplendor da glória de Deus "face a face."

A salvação como acontecimento passado repousa sobre a obra que Cristo terminou ao morrer na cruz (S. João 17:4; 19:30) e remonta ao tempo em que o pecador, ao tomar sua decisão de fé, se apropria dessa salvação. Este conceito de salvação como acontecimento passado é o que se chama justificação.

Uma vez que o homem recebeu o perdão de Deus, foi justificado, e a salvação é para ele agora uma experiência presente. Usando a metáfora de João Bunyan em seu livro *O Peregrino*, vemos que a justificação é a porta que permite a entrada ao caminho para a cidade celestial. Este caminho é o da santificação. É o novo espírito que leva à vida de progresso moral, que traz gozo e paz ao coração contrito. A santificação abrange a vitória sobre o pecado, a transformação paulatina do caráter, o crescimento cristão, o triunfo sobre as fraquezas e imperfeições e é um processo que dura a vida toda.

Ao olhar para diante, para a salvação como esperança futura, a glorificação, o crente conserva a fé e a vista naquele que, só, o pode levar ao triunfo — Cristo Jesus, pois é para salvar-nos que Cristo aparecerá muito em breve, para benefício dos que O esperam para salvação (Heb. 9:28). Outras passagens que podem ser consultadas: I S. Ped. 1:5; Atos 15:11; 16:30 e 31; I Tim. 4:16; II Tim. 4:18. Compare-se também Atos 2:21; Apoc. 2:10; S. Tia. 1:12 etc.).

Concluindo nosso estudo, vemos que Jesus, *yasha* (Josué), veio a este mundo precisamente para cumprir o que Seu nome significa: Salvador. Pois o nome não Lhe foi dado como simples etiqueta de identificação. *Yeshua* (quando o aramaico substituiu o hebraico como língua comum dos judeus, depois do cativoiro 'babilônio o nome *Yehoshua* ou *Yasha* em hebraico se converteu em *Yeshua* em aramaico e foi transliterado ao grego por *Iesous*) ou Jesus em grego era nome pleno de significado, pois cada nome era escolhido com muito cuidado, visto como ele significava a fé e esperança dos pais (ver *Profetas e Reis*, 352), especialmente quando o nome era escolhido divinamente. O nome de Jesus (Josué) é pleno de memórias históricas e proféticas. Assim como Josué levou Israel à vitória na Canaã terrestre, assim Jesus, o Capitão de nossa salvação, veio para levar-nos à vitória e à entrada na Canaã celestial. Josué, o primeiro sumo sacerdote, depois do cativoiro, é na visão de Zacarias apresentado como o representante de Israel diante de Deus. Jesus, "o Apóstolo e Sumo Sacerdote da nossa confissão" (Heb. 3:1), representa hoje o Israel espiritual diante de Deus. Tal como Oséias (cujo nome é idêntico ao de Josué, antes que Moisés lhe trocasse o nome (Núm. 13:17), amou

(Continua na pág. 10)



Consa- gração

OSWALDO R. DE AZEVEDO

Presidente da União Sul-Brasileira

DEFINIÇÕES: — De acordo com a *Enciclopedia de la Biblia*, Volume II, pág. 480, consagração no Velho Testamento define-se como segue:

“Toda consagração a Deus era efetivamente uma santificação, uma separação dos usos profanos na ordem ao serviço e culto divinos. Os profetas eram consagrados por Deus para desempenharem suas funções diante do povo — Jer. 1:5; os reis, os sacerdotes e pessoas; as vítimas destinadas ao sacrifício; os objetos destinados ao culto. Êxo. 28:41; Juízes 16:17; Lev. 27:10, 28; Êxo. 40:11; Jos. 6:19; II Sam. 8:11. Os utensílios eram consagrados mediante um rito expiatório ou determinadas cerimônias, e as pessoas eram consagradas por meio da unção.”

No *Dicionário Bíblico* de J. Davis há uma sucinta definição: “Consagração é o ato pelo qual uma pessoa ou coisa se dedicava ao serviço de Deus. Este ato inclui a ordenação para exercer qualquer serviço sagrado.”

No Novo Testamento encontramos a seguinte informação concernente à maneira de consagrar ou separar pessoas para o ministério da Palavra: Atos 13:1-3. Notamos que este ato foi ordenado pelo Espírito Santo.

No tocante ao ministério da igreja de Cristo hoje, diz a Sra. White em *Obreiros Evangélicos*, pág. 107:1-3:

“Para que um homem seja um ministro de êxito, é essencial alguma coisa mais que um mero conhecimento adquirido em livros. O que labuta por almas, necessita de consagração, integridade, inteligência, operosidade, energia e tato. Possuindo esses requisitos, homem algum pode ser inferior; ao contrário, possuirá uma dominadora influência para o bem.

“Cristo sujeitava Seus desejos e vontade a uma estrita obediência à Sua missão — a missão que trazia o distintivo celeste. Tudo Ele fazia em subordinação à obra por cujo cumprimento viera a este mundo. Quando, em Sua mocidade, Sua mãe O achou na escola dos rabinos e Lhe disse: ‘Filho, por que fizeste assim para conosco! Eis que Teu pai e eu ansiosos Te procurávamos,’ Ele respondeu, — e Sua resposta é a nota predominante da obra de Sua vida, — ‘Por que é que Me procuráveis? Não sabeis que Me convém tratar dos negócios de Meu Pai?’ S. Luc. 2:48 e 49.

“A mesma devoção, consagração igual e igual submissão às exigências da palavra de Deus que se manifestavam em Cristo, devem-se ver em Seus servos. Ele deixou Seu lar de segurança e paz, deixou a glória que tinha com o Pai antes que o mundo existisse, deixou Sua posição sobre o trono do Universo, e foi, como homem tentado e sofredor, em solidão, semear em lágrimas, regar com Seu sangue a semente da vida por um mundo perdido.”

A Sra. White não somente se refere ao minis-

riário, mas vai além, dirigindo-se à própria igreja com palavras candentes — *Testemunhos Seletos*, Vol. 1, pág. 81, parágrafo I última parte — “Jesus requer um sacrifício completo, uma inteira consagração.” E perguntamos a esta altura — Quanto abrange esta consagração completa?

Esta consagração significa renúncia total, separação, inconformidade com o mundo. “Cristo exige tudo. Caso Ele exigisse menos, Seu sacrifício teria sido demasiado precioso, demasiado grande para nos levar a tal nível. Nossa santa fé clama por separação. Não nos devemos conformar com o mundo, nem com professos crentes mortos, sem coração. ‘Transformai-vos pela renovação do vosso entendimento.’ Rom. 12:2. Este é o caminho da renúncia. E quando pensarem que ele é demasiado estreito, que há demasiada abnegação neste caminho estreito, quando disserem: ‘Quão duro é renunciar a tudo!’ dirijam a si mesmos a pergunta: Que renunciou Cristo por mim? Isto ofusca tudo quanto possamos chamar abnegação.” — *Testemunhos Seletos*, Vol. 1, pág. 81. Notemos o pensamento — “Cristo exige tudo!...”

Estudo Diário da Bíblia

“O diário estudo da Bíblia exercerá santificadora influência sobre o espírito. Vocês respirarão sobre uma atmosfera celeste. Unam este precioso volume ao coração. Ele se lhe demonstrará amigo e guia na perplexidade.” — *Testemunhos Seletos*, Vol. 1, pág. 83.

Que atmosfera respiraremos junto a um aparelho de televisão, quando nós e nossos filhos nos detemos a contemplar certos programas novelescos?

Que ar respiram nossos filhos quando se detêm na leitura de revistas e romances de feição imunda?

Que atmosfera há em nosso lar, em nossas transações com o público?

São os nossos sermões o resultado de uma vida consagrada ao estudo da Palavra de Deus, ou o resultado de uma atmosfera viciada e corrompida pela poluição contaminadora, solapadora dos mais elevados ideais cristãos?

Separação

“Nossa fé clama por separação” — *Testemunhos Seletos*, Vol. 1, pág. 81.

Consagração também significa separação. — E separação é uma vida disciplinada, diferente dos costumes e práticas não pautadas pela Palavra do Senhor. Os obreiros devem ser honestos em suas transações comerciais dentro e fora da Organização. No trato social, no lar, no trabalho, o ministro deverá manter normas elevadas acima do comum do mundo. Não deve temer ser diferente, sem ser ridículo ou orgulhoso e pedante.

Sacrifício e Dever Cumprido

A história do cristianismo começou com sacrifício e terminará com sacrifício.

“O povo está faminto e sedento de auxílio do Céu. Tenho procurado pôr em prática esses princípios de sacrifício e sei de que falo quando digo que a bênção de Deus repousará sobre vós, se puserdes em primeiro lugar o chamado do dever. Folgo por este privilégio de, nesta manhã, testificar perante vós que o Senhor muitas e muitas vezes tem mudado as coisas de tal modo a nos dar mais do que poderíamos pedir.

O Senhor provará os Seus servos; e se se Lhe demonstrarem fiéis, e Lhe confiarem os seus casos, Ele os ajudará em todos os tempos de necessidade.

Não somos coobreiros de Deus pelo salário que possamos receber em Seu serviço. É certo, irmãos, que precisais receber salário com o qual possais manter a família; mas se começardes a estipular exatamente quanto quereis receber, podereis demonstrar-vos uma pedra de tropeço a algum outro, que talvez não tenha a disposição que tendes, de ser liberal; e o resultado será confusão. Outros pensarão que nem todos serão tratados em pé de igualdade. Logo achareis que a causa de Deus será travada; e este resultado não desejareis constatar. Desejais ver a causa de Deus colocada sobre terreno vantajoso. Por vosso exemplo, assim como pelas palavras, deve o povo ter uma viva certeza de que a verdade recebida no coração gera o espírito de abnegação. E ao prosseguirdes neste espírito, muitos vos hão de seguir.

O Senhor deseja que Seus filhos procedam dessa maneira abnegada, pronta a fazer sacrifícios, o que nos há de trazer a satisfação de ter cumprido bem o dever, por isso que é um dever. O Filho unigênito de Deus entregou-Se a uma morte ignominiosa na cruz, e deveríamos nós queixar-nos por causa dos sacrifícios que somos chamados a fazer?

Durante minhas horas insones, na calada da noite, tenho pleiteado com o Senhor, para que guarde nossos irmãos da tendência de prometer ir aqui e ali, com a combinação de receberem salário um pouco mais alto. Se forem com espírito de sacrifício, confiando nEle, o Senhor concederá à mente e ao caráter uma força que os sustará, e o êxito será o resultado.

No futuro, nossa obra há de ser levada avante com abnegação e sacrifício, mesmo maiores do que temos visto nos anos passados. Deus deseja que confiemos a Ele nossa alma, a fim de que Ele opere por meio de nós, de múltiplas maneiras. Preocupo-me intensamente com essas questões. Irmãos, andemos em humildade e mansidão de espírito, e coloquemos diante de nossos companheiros um exemplo de sacrifício.

Se com fé fizermos a nossa parte, Deus ante nós abrirá caminhos não sonhados ainda. . . .

Se alguém se propõe fazer alguma coisa que não esteja de acordo com os princípios de sacrifício nos quais se baseia nossa obra, lembremo-nos de que um toque da mão de Deus pode eliminar todo o aparente benéfico, porque não era para glória de Seu nome." — *Mensagens Escolhidas*, Livro 2, págs. 205 e 206.

Ação

"Foi-me mostrado que muito pecado é resultado da preguiça. Mãos e mentes ativas não acham tempo para dar ouvidos a toda tentação sugerida pelo inimigo; as mãos e os cérebros ociosos, porém, estão sempre em condições de ser controlados por Satanás. Quando não devidamente ocupada, a mente demora-se em coisas impróprias." — *Testemunhos Seletos*, Vol. I, pág. 145.

Todo o indivíduo que se consagra a qualquer movimento, põe-se logo em ação em favor desse movimento para propagar a causa que abraçou.

Deus hoje espera de cada obreiro Seu que seja um homem ou mulher de ação, disposto a aprender sempre, a cumprir cada vez melhor o seu dever. E não somente isto, ele também deverá estar pronto a ensinar seu rebanho a fazer da melhor maneira sua parte na propagação da verdade para hoje.

Um homem de ação nunca está contente com o alcançado até o presente, mas sempre olhará com descontentamento o futuro, e planejará metas para serem atingidas dentro dos quadrantes do espaço de tempo que lhe é disponível.

Resumindo, consagrar-se a Deus é renunciar-se a si mesmo; é abrir mãos de conveniências pessoais e renunciar prazeres ainda que lícitos, muitas vezes.

Consagração é sacrifício de si mesmo, é ir ao encontro de dificuldades, é estar sempre pronto a responder aos chamados de Deus com um "eis-me aqui, envia-me a mim."

Consagração a Deus é renunciar o espírito de crítica, promovendo a unidade entre o ministério e dentro da igreja; é estar sempre disposto a buscar objetivos maiores em troca de objetivos menores, rompendo muitas vezes com a rotina e avançando, ainda que o caminho pareça escuro e longo e recoberto pelas pedras da crítica maliciosa.

Consagração é orar sem cessar, é ter fé no invisível, é amor a Deus sobre tudo na vida e ao próximo como a si mesmo.

Meu apelo a todos os companheiros de ministério é que, nos dias atuais de lutas e sombras ao nosso redor, nos consagremos de todo o coração a Deus e à Sua causa e que com fervor oremos mais intensamente pedindo o poder do alto para enfrentarmos as lutas e percalços em

nossa jornada pastoral. E que nos unamos a Deus e uns aos outros, para que sejamos uma força invencível contra o mal e a favor do bem, e estou certo de que nossa igreja verá dias de vitória espiritual, dentro das normas que Deus traçou para a época em que vivemos.

Salvação

(Continuação da pág. 7)

sua esposa, que não merecia seu amor, em vão a procurou, e afinal, depois de encontrá-la conseguiu levá-la de volta para casa, havendo-a comprado num mercado de escravos, assim também Jesus, por amor, veio libertar-nos da escravidão do pecado, depois que, quais ovelhas desgarradas, nos distanciamos dEle. Meditar no sentido de Seu nome deve haver lembrado ao mestre, de maneira constante, a sagrada missão que viera cumprir no mundo. Assim também se deve dar com a igreja hoje.

Graças a Deus, o tema do Antigo e do Novo Testamentos é que Deus é um Deus de salvação; que a Bíblia toda nos assegura que Deus nos salvou, nos está salvando agora e que nos salvará. Diz S. Paulo: "Desenvolvi a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a Sua boa vontade." Filip. 2:12 e 13. Queira Deus que possa ficar-nos gravado na mente o conselho da irmã White: "Estar quase salvo, mas não estar salvo completamente, não significa estar quase perdido, mas sim completamente perdido."

"Bendito seja o Senhor, que de dia em dia nos cumula de benefícios; o Deus que é a nossa salvação. O nosso Deus é o Deus da salvação." Sal. 68:19 e 20.

Para meditação:

"Jamais podemos confiar seguramente em nós mesmos ou sentir, alguém do Céu, que estamos livres da tentação. Nunca se deve ensinar aos que aceitam o Salvador, conquanto sincera sua conversão, que digam ou sintam que estão salvos. Isto é enganoso. Deve-se ensinar cada pessoa a acariciar esperança e fé; mas, mesmo quando nos entregamos a Cristo e sabemos que Ele nos aceita não estamos fora do alcance da tentação. . . . Os que aceitam a Cristo e dizem em sua primeira confiança: Estou salvo! estão em perigo de depositar fúdiúcia em si mesmos. Perdem de vista a sua fraqueza e necessidade constante do poder divino. Estão desapercibidos para as ciladas de Satanás. . . . 'Aquele pois que cuida estar em pé, olhe não caia.' Nossa única segurança está na constante desconfiança de nós mesmos e na confiança em Cristo." — *Parábolas de Jesus*, 155.

Vaidades e Grandezas de um Ministro

JOAO CABEZAS

Missão do Norte do Chile

Meditações extraídas de minha vida diária:

1. É vaidade crermos-nos importantes e indispensáveis no trabalho da igreja. É grandeza cumprir fielmente nosso dever, sem nos julgarmos por isso muito justos nem muito bons.
2. É vaidade trabalhar por amor de nosso prestígio e reputação pessoal. É grandeza viver como João, para sermos uma voz de Deus.
3. É vaidade crermos-nos imunes às tentações que assaltam aos membros de nossas igrejas. É grandeza orar muito em particular, para nos conservarmos fiéis.
4. É vaidade pensar que o chamado divino ou um cargo nos possam fazer superiores. É grandeza sentirmos-nos incapazes porque se nos pediu muito, e buscarmos nossas forças no Senhor.
5. É vaidade crer que o que o mundo precisa mais é nossa pregação eloqüente. É grandeza ser a vida a melhor ilustração do que pregamos.
6. É vaidade buscar na obra de Deus o lugar onde nos possamos sentir mais confortáveis. É grandeza sentir-nos felizes por amor ao Senhor, vendo outros desfrutarem aquilo que não nos foi dado desfrutar.
7. É vaidade trabalhar para que os demais me vejam. É grandeza viver para que outros vejam Cristo através de mim.
8. É vaidade pensar que um homem com capacidades não precise estudar muito. É grandeza consagrar ao Senhor uma mente bem informada, e permitir que Ele a use como arma muito poderosa em Seu serviço.
9. É vaidade procurar um ministro ser apenas bom profissional. É grandeza ser o homem de Deus um santo.
10. É vaidade desejar o ministro ser homem público ou popular. É grandeza saber que Cristo nos chamou para sermos Suas testemunhas vivas.
11. É vaidade desejar trabalhar em lugares importantes. É grandeza estar feliz no lugar onde Deus nos pôs.
12. É vaidade sentirmos-nos confiados, pelos triunfos alcançados no passado. É grandeza só descansarmos de joelhos.
13. É vaidade sentirmos-nos lisonjeados porque todos os membros têm confiança em nós. É grandeza sentir que Deus nos pode confiar Sua obra.
14. É vaidade lutar só pela coroa. É grandeza sofrer pela cruz com alegria.

O MUNDO hoje está alquebrado, e o futuro é incerto! Quando a China Vermelha foi introduzida nas Nações Unidas, o presidente Chiang Kai Shek disse aos seus compatriotas, em Taiwã: "O destino de nossa nação não está nas mãos das Nações Unidas. Está positivamente em nossas mãos." — *Times*, de Kansas City, 27-10-1971. Houve acalorado debate e a esperada consolidação das Nações Unidas desfez-se em nebulosa miragem. Grandes explosões têm trazido confusão, ansiedades, desunião e temor!

A explosão sexual tem criado o caos na sociedade! Apareceu recentemente um livro intitulado *The Stork is Dead* (Morreu a Cegonha). Homens e mulheres lançaram-se na liberdade-para-todos, na esperança de ser felizes. A explosão demográfica é uma ameaça à sobrevivência! Explosões de espaço e tecnologia levaram os homens ao pináculo do *ego* e da presunção. A explosão poluitiva nos adverte de que o mundo pode acabar-se por si mesmo. O grande explorador submarino Jacques Cousteau "adverte hoje de que o mundo defronta a destruição de seus oceanos, tendo já, nos últimos 20 anos, sido danificados 30 a 50 por cento da vida marinha e vegetal. 'É este um fato assustador,' disse ele na primeira sessão da Conferência Internacional Sobre a Poluição Oceânica, convocada pela Comissão do Senado. 'A Natureza está disposta a reagir,' aconselhou ele. 'Há esperança... se já não for tarde.'" — *The Evening Star*, 18-10-1971.

A explosão das comunicações tem trazido para a mesa familiar os acontecimentos cotidianos, de todo o mundo. Os males de uns são simultaneamente partilhados por outros. Não podemos fugir à realidade da violência, do crime e corrupção que avassalam o mundo. O Senhor terá de pedir desculpas ao prefeito de Sodoma e Gomorra, se não intervier logo no mundo!

Para sua consolidação busca o homem novos deuses: materialismo, sexo e ciência. O materialismo é o deus moderno. Uma indústria de relógios do Japão recentemente fez uma *enquete* internacional entre jovens. A mais de 6.000 jovens, entre as idades de 16 e 22, de 32 países, inclusive a Polónia e Iugoslávia, fizeram-se 30 perguntas acerca de alvos, amizades, viagens e vida. Dentre os jovens do mundo a *enquete* revelou que a coisa mais desejada é dinheiro. Depois vêm: trabalho, felicidade e amor, lar e paz, e automóveis. (*Washington Post*, 2-7-71.)

O deus moderno é o sexo. Na mesma pesquisa, "na questão do sexo, mais de 50% dos jovens dos Estados Unidos, Japão e países escandinavos declararam-se a favor das relações pré-maritais, contanto que exista amor mútuo." — *Idem*. No ano passado, só em Los Angeles

"60.000 jovens sofreram de gonorréia ou sífilis." — *Idem*.

A nova religião? De acordo com a *Folha de São Paulo* (20-3-70) o homem do século vinte tornou-se progressivamente materialista e egoísta. Vem adotando uma nova religião: o cientificismo. Prometem uma Utopia, um Céu sintético na Terra. Para alcançar esse fim produzem drogas para deter a explosão demográfica, novas substâncias químicas para intensificar o prazer, drogas para provocar a hibernação e atenuar a fome, drogas para combater o cansaço, drogas para elevar o homem a alturas místicas, drogas para aumentar a inteligência e drogas para aumentar a longevidade. Estas são chamadas drogas do futuro!

De outro lado vemos a maior explosão de todas: a explosão da juventude! Uma juventude que nos assusta, que está tão distante de nossos tempos como o Oriente do Ocidente. Juventude que espanta, mas da qual tanto esperamos! Juventude que se supõe ser o futuro, o amanhã, a esperança do país, da igreja e da sociedade. Juventude que dita a moda, os moldes, os programas, as leis e ideologias, mas não sabe o que quer. Juventude entorpecida pelo fumo da

Consolidação

maconha e imersa em drogas. Juventude que quer empreender viagem, mas não sabe para onde.

Como o mundo se acha cada vez mais dividido e mais abalados os lares, alarga-se mais e mais o hiato entre pais e filhos. Que poderemos nós fazer? Como ministros da igreja defrontamos um grave problema! Quais modernos Noés a anunciar a breve vinda do Senhor, não podemos estar divididos. Tem de haver uma consolidação de nossa vida. Ouvimos muito, hoje, acerca de "consolidação." Muitos expressam o pensamento de que não querem consolidar coisa nenhuma. O Senhor, porém, quer que consolidemos nosso relacionamento com Ele. Não nos força, porém. Com Deus, unicamente, podemos afastar as diferenças. Diz Paulo: "Desarte não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus." Gál. 3:28.

Que?! falar de conversão, a ministros? Será possível? Mas se consultarmos a Bíblia encontraremos muitos não convertidos:

— Judas jamais se converteu realmente a Cristo, e era discípulo!

— Balaão não era convertido de fato, e era profeta!

— Saul não era deveras convertido, e foi o primeiro rei de Israel!

— Eli não era na verdade convertido, e foi sacerdote do santuário!

— Pedro não se converteu de fato, senão depois da morte de Cristo!

Porventura nós, como ministros de Deus, voltamos costas, de uma vez para sempre, a todas as coisas deste mundo? Nossos evangelistas diziam: "Conversão quer dizer meia volta para a outra direção." Temos rendido tudo a Cristo?

Diz o Espírito de Profecia: "Digo-vos claramente, irmãos, que a menos que os ministros sejam convertidos, nossas igrejas serão doentias e estarão prestes a morrer. . . . Nossos ministros necessitam uma transformação de caráter.

"Cristo estará com todo ministro que, embora não tenha alcançado a perfeição de caráter, está procurando com o maior fervor tornar-se semelhante a Cristo. Tal ministro orará. Chorará entre o alpendre e o altar, clamando com angústia de alma para que com ele esteja a presença do Senhor." — *Testemunhos para Ministros*, 143.

Porventura o não nos havermos rendido plenamente a Cristo será o motivo de muitos jovens não estarem caminhando conosco?

Disse Paulo: "Uma coisa faço. . . ." Não se envolvia ele com assuntos mundanos. Muitos ministros receberiam salário muito baixo, se tivessem de bater a ficha de trabalho, junto ao relógio.

João Wesley disse: "Que terrível seria para mim, se ignorasse o poder da verdade que me propus proclamar!"

Hoje vemos muitos pregadores, no mundo, aos quais o Senhor dirá, naquele dia: "Nunca vos conheci," porque nós realmente nunca O conhecemos.

Diz Ellen G. White: "Quando o caráter de Cristo se reproduzir perfeitamente em Seu povo, então virá para reclamá-lo como Seus." — *Parábolas de Jesus*, 69.

Consolidamos já nossa conversão? Estamos nós com Cristo? Não pode haver fronteiras, nenhuma diferença, entre o Senhor e nós!

Já Consolidamos Nossa Vocação?

Paulo aconselhou a Timóteo: "Por esta razão, pois, te admoesto que reavives o dom de

LÉO RANZOLIN

o Espiritual

"Mas, seguindo a verdade [dizendo a verdade, reza outra tradução] em amor, crescamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo, de quem todo o corpo, bem ajustado e consolidado, pelo auxílio de toda junta, segundo a justa cooperação de cada parte, efetua o seu próprio aumento, para a edificação de si mesmo em amor." Efés. 4:15 e 16.

O Senhor quer consolidar o relacionamento com Seus filhos e Seus ministros. Jesus desceu do Céu para consolidar as relações entre Céu e Terra. Prova-o a haste vertical da cruz. Fala de nosso relacionamento com Deus. É a consolidação de nossa ligação com o Céu. A haste horizontal deve representar nossa ligação com os semelhantes. Como ministros de Deus devemos consolidar nossa ligação com Cristo, temos de consolidar nossa vida em relação a Deus, a fim de podermos ajudar aos que chafurdam no tremedal do pecado. Eis alguns aspectos que carecem de consolidação.

Deus, que há em ti *pela imposição das minhas mãos.*" II Tim. 1:6.

E prossegue: "Nenhum soldado em serviço se envolve em negócios desta vida, porque o seu objetivo é satisfazer aquele que o arrematou." II Tim. 2:4.

"Prossigo para o alvo, para o prêmio da *soberana vocação de Deus* em Cristo Jesus." Que-ria Paulo estar certo de estar consolidada sua *"soberana vocação de Deus."* Como embaixador de Deus, Paulo sentia a tremenda responsabilidade de pregar a Palavra de Deus. João foi chamado para preparar o caminho para o Cordeiro de Deus. O Senhor hoje nos chamou para anunciar ao mundo a breve volta de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Estava um carteiro entregando alguns pacotes. Bateu a uma casa e a senhora gritou: "Ponha na caixa!" Respondeu ele: "Minha mensagem é demasiado grande para a caixa do correio!" Nós temos uma grande mensagem e devemos anunciá-la ao mundo.

Disse o Pastor R. H. Pierson: "Não carecemos hoje tanto de pessoas brilhantes, como de pregadores dedicados." Sim, pregadores que tenham certeza de sua vocação e eleição para pregar esta mensagem. Pregadores inferiores a nenhuns outros. Pregadores que saiam, compelidos pelo Espírito de Deus.

Um jovem de Nova York escreveu-me, recentemente: "Tenho estado a ler o Espírito de Profecia e a Bíblia, e parece-me que não desejaria fazer outra coisa. **SINTO-ME FORTEMENTE CONSTRANGIDO A PREGAR A PALAVRA.** Nunca, em toda a vida, tive esta impressão. E dou graças a Deus por tudo que me tem feito." Com jovens deste calibre podemos revolucionar o mundo. Ele quer estudar Teologia. Está convicto de sua vocação!

Se nossa vocação estiver consolidada em Cristo, sentiremos semelhante impulso para pregar a Palavra de Deus. Será esse anseio o poder motriz de nossa vida. Paulo, em II Tim. 4:5, diz-nos como consolidar nossa vocação: "Tu, porém, sê sóbrio em todas as coisas, suporta as aflições, faze o trabalho de evangelista, cumpre cabalmente o teu ministério."

Temos de Consolidar Nossa Vida Devocional

"Pastor Ranzolin, quero estar preparado. Tenha a bondade de orar por mim. Nós vamos orar pelo irmão. Ore em favor do grupo. Precisamos muito de Deus. Temos de orar pedindo a Chuva Seródia. Eu a desejo tanto que nem sei expressar meus sentimentos." Este jovem de Nova York quer consolidar sua vida espiritual.

É a única maneira de receber o poder do Espírito Santo.

O único modo de consolidarmos nossa fé é viver uma vida vertical.

Há poder numa vida vertical — poder capaz de transformar nossa vida.

— A vida vertical de Elias trouxe fogo vindo diretamente de Deus, e vitória ao Seu povo.

— A vida vertical de Abraão construiu altares para Deus aonde quer que ele fosse, em testemunho às nações.

— A vida vertical de Jó duplicou suas bênçãos temporais quando orou por seus amigos.

— A vida vertical de Moisés trouxe água, maná, alimento do Céu.

Não pode haver pregação sem oração.

— Quantos pregadores vemos hoje sem poder!

— Quantos mensageiros sem mensagem!

— Quantos embaixadores sem pasta!

— Quanta pregação sem comunicação!

Tem de o ministro consolidar seus *hábitos de oração*, a fim de receber o poder. "Todos estes perseveravam unânimes em oração." Atos 1:14. Unicamente esta reunião unânime, para orar, trará o Espírito Santo.

"A família que ora unida, permanece unida." Os ministros que oram unidos, permanecerão unidos, unânimes, possuídos do desejo único de servir ao Senhor.

"Quando tivermos uma consagração plena, de todo coração, ao serviço de Cristo, Deus reconhecerá esse fato derramando Seu Espírito sem medida." — *Mordomia e Prosperidade*, 52.

"Para o batismo do Espírito Santo cada obreiro deve estar murmurando sua oração a Deus. Grupos devem reunir-se para pedir a Deus auxílio especial, sabedoria celestial, para que o povo de Deus saiba como planejar, orientar e executar a obra... Durante dez dias oraram os discípulos antes de vir a bênção pentecostal." — *Testemunhos para Ministros*, 170.

Fala-se muito hoje no hiato das gerações. Creio que o problema crucial é o "hiato da regeneração." Foi só quando se reconheceu o **HIATO DA REGENERAÇÃO**, que veio o Pentecostes.

Outro ponto que devemos consolidar em nossa vida devocional é o estudo da Palavra de Deus. Diz Paulo: "Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina." I Tim. 4:16. Paulo queria que Timóteo dominasse a Bíblia e seus ensinios. Estava sempre a lembrar a Timóteo as coisas que este aprendera da mãe e da avó. Quanto precisamos, em nossos dias, da Palavra de

Deus! Oséias 4:6 afirma: "O Meu povo está sendo destruído porque lhe falta o conhecimento."

O estudo da Palavra é o *sine qua non* da vida do ministro. O ministro pode tornar-se demasiado *profissional* em sua vida espiritual e esquecer-se de estudar a Palavra de Deus. Então faz parte do grupo dos "ministros de bater o cartão do relógio de ponto" e que só fazem mesmo isso. A vida vertical é indispensável para podermos viver a vida horizontal com os nossos semelhantes.

Está Consolidada Nossa Mensagem?

Penso que há muita consolidação a se efetuar neste terreno. As fronteiras de nossas mensagens são demasiado vastas e demasiado complexas, para não dizer divididas.

Ouçamos o conselho de Paulo: "Conjuro-te, perante Deus e Cristo Jesus: ... *prega a palavra*, insta, quer seja oportuno, quer não, *corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade* e doutrina." [Há uma tradução inglesa que reza "mensagem" em vez de "palavra," e "anima" em lugar de "exorta."] II Tim. 4:1 e 2.

É esta a espécie de mensagem que estamos pregando? Continua ele em II Tim. 2:15: "Procura apresentar-te a Deus, aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que *maneja bem a Palavra da verdade.*"

Muitos ministros atendem mais aos conselhos dos membros, do que a esses. Isa. 30:10 refere-se aos que pedem: "Dizei-nos coisas aprazíveis. . . ." Quantos, atendendo ao povo, falam *lisonjas, coisas aprazíveis, brandas!* Tem de haver alguma consolidação em nossa mensagem! Há os que pregam sobre a mini-saia e se esquecem de que não é esse o problema, mas sim o coração. Sim, o coração é o que tem que se transformar! Unicamente mediante Jesus Cristo é que se pode dar essa transformação. Outros imergem no mundo da psicologia e da culpa, e o pobre povo imerge na ignorância por não entender o que se está dizendo.

Qual deve ser nossa mensagem para o tempo atual?

Pregai que Jesus Cristo virá em breve, muito em breve.

Pregai que Jesus Cristo é o único Salvador da humanidade.

Pregai que Jesus Cristo espera que saíamos a partilhar nossa fé.

Pregai que Jesus Cristo prometeu um Consolador.

Pregai que temos que preparar-nos. Agora! Olvidai a filosofia! A maior filosofia é a filosofia da salvação. Paulo pregava a Cristo, um Cristo crucificado mas redivivo. E queria morrer com Cristo.

Quantas vezes deixamos o púlpito sentindo-nos frustrados! Por quê? Porque faltou o poder! Deixamos de pregar a Cristo e Sua vinda. Não dissemos ao povo que saísse a pregar o evangelho. Para ter êxito a Missão 72, os pregadores terão de dizer ao povo que vá ao mundo e pregue a mensagem.

Diz Ellen G. White: "Não vos regozijeis na posse de poder, para que não percais de vista vossa dependência de Deus. Sede cuidadosos para que não se insinue a presunção, e assim trabalhei em vossas próprias forças, em vez de o fazerdes no Espírito e na força de vosso Senhor." — DA, 478.

Toda vez que nos julgarmos grandes pregadores, estaremos fadados ao fracasso.

Nossa mensagem deve levar consigo a premissa destes últimos dias. O Senhor está abrindo portas por toda parte. Através de todo o mundo vemos sinais de que está perante nós o momento de oportunidade. Nos Estados Unidos está aberta uma estreita faixa de oportunidade. É agora o tempo oportuno! Estão aos nossos próprios olhos os acontecimentos dos últimos dias.

Faz algum tempo, ao chegar em casa, minha esposa me perguntou:

— Você viu Larry?

— Não! foi minha resposta.

Larry é meu filho caçula, de 7 anos. Todos começamos a procurá-lo. Fomos aos vizinhos, aos amiguinhos dele, mas ninguém sabia informar coisa alguma. Minha esposa começou a afligir-se. Toda a vizinhança se pôs à procura. Quando estávamos para recorrer à polícia e à TV, ei-lo que aparece, sorridente, exclamando: "Oh, Pai!"

— Onde você esteve? perguntei.

— Oh, brincando com meu amigo a uma quadra daquil

Que alívio! Mas o caso ensinou-me uma lição. Eu tinha muito que fazer naquela tarde: escrever cartas, preparar sermões, trabalhar no escritório, minha esposa tinha que cozinhar, costurar etc., mas naquele momento nos esquecemos de tudo! Por quê? *Nosso filho estava perdido!* Não é esta a atitude que devemos ter para com um mundo perdido? Qual deve ser nossa mensagem?

Conclusão — Missão 72

A Missão 72 está perante nós. Será ocasião de sairmos a evangelizar e pregar a Palavra de Deus. Que faremos? Consolidaremos a mensagem? Há na Bíblia um episódio interessante: foi quando as tribos de Rúben e Gade chegaram à terra de Jazer e a acharam bela e ótima

(Continua na pág. 21)

A DOXOLOGIA DO PAI NOSSO

ARNALDO B. CHRISTIANINI

Membro da Comissão Permanente
de Revisão e Consulta
da Sociedade Bíblica do Brasil

A PARTE final da oração-modelo que compreende a expressão: “pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre, Amém,” denomina-se Doxologia do Pai Nosso e é omitida em muitas versões. Em recente versão da Sociedade Bíblica do Brasil, esta doxologia vem entre colchetes, e no rodapé a explicação: “Não consta do texto grego adotado.”

Há problemas tradutórios que têm de ser encarados realisticamente. Anos a fio, vimos repetindo a Oração do Senhor, com a brilhante doxologia final que lhe dá mais realce, solenidade e imponência. E a doxologia encontra-se em praticamente todas as Bíblias evangélicas anteriores à Revisão, mesmo as mais antigas. E a força do hábito estratifica-se. Quase automaticamente concluímos a recitação do Pai Nosso com o fecho: “pois Teu é o reino, o poder e a glória, para sempre. Amém.” As Bíblias católicas, porém, jamais o registraram. Mesmo o “Pai Nosso Católico” modernizado não o consigna. Como também a velha Vulgata, do século IV. E as demais versões da igreja romana. As Bíblias evangélicas, mesmo as mais antigas, registram a doxologia. As portuguesas Trinitárias e Almeida antiga a têm. Modernamente, porém, veio a tendência de suprimi-la, como a “American Standard Version” (1901), a Francesa Sinodal e a Almeida Revista e Atualizada que a põem entre colchetes e a “Revised Standard Version,” que a eliminou do texto, pondo-a no rodapé. Cremos que as futuras edições da Bíblia simplesmente a suprimirão, sem nenhuma observação de ordem crítica.

Qual a justificativa? Bem, comecemos pelos textos gregos. Chamam-se “textos gregos” os que servem de base para as traduções. Os antigos textos, como o elaborado por Erasmo e o “Receptus” mencionavam a doxologia e deles se valeram os antigos tradutores, bem como Almeida, a “Trinitarian Bible Society” de Londres, que produziu uma versão portuguesa em 1893. E as sucessivas reedições dessas Bíblias reproduzem a doxologia do “pater noster.” Mesmo o texto grego que serviu de base à Revisão Inglesa de 1881, o trazia na margem.

A Crítica Textual porém, através de pesquisas e exames de manuscritos, foi expurgando muita coisa espúria ou inautêntica, interpolações e acréscimos feitos, aqui e ali, ao longo dos séculos, no texto sagrado. Ou melhor, testando a genuinidade de certos textos.

Os textos gregos mais depurados e modernos como o de Westcott and Hort o "He Kainê Dia theke" não contém a doxologia, embora este último mencione no "aparato crítico" que ele consta na margem da Revisão Inglesa. E o atual texto de Eberardht Nestle o omite. Como também o mais atualizado "texto UBS," que, no momento, pode dizer-se, é o que há de melhor e prima pela limpidez, exatidão e indicações críticas. Não registram a doxologia do Pai Nosso.

Outro ponto de suma importância as chamadas Testemunhas. Em Crítica Textual denomina-se "testemunhas" ao acervo de manuscritos e outras fontes antigas que contenham o texto sagrado. Compreendem os "unciais" (caracteres maiúsculos), os "cursivos ou minúsculos," os "papiros," "citações patrísticas," "lecionários," "antigas versões," "ostracas" etc. Todo este material datado pelos "experts," em conjunto e comparativamente, fornece dados preciosos sobre a exatidão de um texto.

A doxologia (em grego: "oti sou estin ê batileia kai ê dinamiskai e doxa eis tous aiônas amen") NÃO CONSTA dos mais credenciados manuscritos. Não é registrada nos principais unciais, os papiros e isto é de alta importância.

As palavras "pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre, Amém," isto é, a doxologia completa, encontra-se nos seguintes documentos:

- K (018) — Paris — datado do século IX
- L (019) — Paris — datado do século VIII
- W (032) — Washington — século V
- DELTA (037) — St. Gall — século IX
- THETA (038) — Coridetti — século IX
- PI (041) — Leningrado — Século IX

Como se observa, apenas seis unciais registram dentre os 42 existentes. Os 36, que são os mais antigos e de elevado peso crítico, não a trazem. O mesmo se pode dizer dos cursivos. Apenas 19 deles trazem a doxologia dentre 2.650. É muita diferença.

Dentre as centenas de "versões antigas" (síriaca, copta, armênia, etíope, gótica, georgiana e o famoso Diatessaron) apenas sete a trazem. De origem patrística temos apenas duas escassas referências: uma na Constituição Apostólica e outra de Crisóstomo, respectivamente séculos IV e V. Nada mais.

Numa edição das Bíblias chamadas "velha latina" "no 1 bobiense," do século V há a doxologia em variante: "porque teu é o poder pelos séculos dos séculos."

Com a redação alterada "pois teu é o poder e a glória para sempre, Amém." Consta de dois documentos ou "testemunhas": 1. uma edição copta saídica, dialeto faunimico, século VI; 2. Didaquê, no qual se omite a palavra "Amém".

Com a redação modificada "tu é o reino e o poder para sempre. Amém." Consta da Versão Síriaca Curetoniana, que se supõe ser do século VI.

Com a redação "pois teu é o reino do Pai, do Filho e do Espírito Santo, para sempre, Amém" consta de um cursivo, de número 1253, datado do século XV.

Deve-se ter em mente as datas. E essa diversidade de redações, para a Crítica Textual constitui indício de que o original não devia mesmo conter a doxologia. Supõe-se que alguém a tenha acrescentado, em algum tempo remoto, por sua conta e risco e ainda outros se deram ao luxo de alterá-la.

Nosso SDA Bible Commentary diz: "Esta cláusula apresenta a doxologia do Pai Nosso. Importante evidência textual pode ser citada em favor da omissão dessa doxologia. Não consta da versão de S. Lucas desta oração (S. Luc. 11:4). Contudo, o sentimento que ela expressa é escriturístico, em estilo paralelo com I Cor. 29:11-13."

De tudo se deduz que há mesmo base para a supressão da doxologia.

"Não nos induzas à tentação." Algumas versões em Português ainda trazem o "não nos induzas à tentação," quando melhor se entende, entre nós, o "não nos deixes cair em tentação." A rigor, vernaculamente, o "não nos induzas" não está errado, porque o sentido do verbo induzir é amplo. O Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa lhe dá nada menos de 15 sentidos, entre eles: "causar," "inspirar," "sugerir," "arrastar." E também "fazer cair" (em erro)." Contudo não é linguagem usual do povo. E o verbo grego "eisenenkeis" que literalmente quer dizer "conduzir para dentro" fica excelentemente traduzido por "não deixar sucumbir." Então teríamos "não nos deixes sucumbir à tentação." Esse verbo era empregado numa antiga oração vespertina dos judeus, que alguns supõem que Jesus a conhecesse, e que diz:

"Não coloques meu pé sob o poder do pecado,
Não me atires sob o poder da falta,
Nem sob o poder da tentação,
Nem sob o poder da infâmia."
Este é o sentido exato.

10 Perguntas ao Pastor Siegfried Hoffmann

O nome do Pastor e Dr. Siegfried Hoffmann é amplamente conhecido no Brasil. Seu rosto sempre alegre e sua palavra amena, fazem dele uma visita muito grata em qualquer reunião, especialmente na de jovens.

Durante anos tem estado recebendo convites para dirigir semanas de oração em igrejas dentro e fora de seu campo de trabalho. Essas reuniões têm deixado sempre pegadas indeléveis. Acercamo-nos ao Pastor Hoffmann, solicitando compartilhar as experiências vividas através de tantos anos em tais atividades e gentilmente nos responde da seguinte maneira:

1. Quantas semanas de oração tem dirigido durante o seu Ministério?

R. Mais de trinta.

2. Qual foi a que mais lhe satisfaz e por quê?

R. Estou pensando em uma que talvez mais se salientou, uma que realizei em Salvador, onde o pastor local soube fazer uma preparação evangelística, e, como resultado, houve mais de 130 decisões para o batismo, assinados em cartão especial.

3. Quais são, a seu ver, as necessidades espirituais mais comuns entre a juventude adventista?

R. Vencer o pecado por um Jesus muito real em sua vida, por meio da Bíblia e a oração em sua vida particular.

4. Que características deve ter uma Semana de Oração para que seja bem sucedida?

R. Pregação poderosa da Palavra e muita oração particular e geral.

5. Que tipo de temas deve ser apresentado a jovens que vivem em 1972?

R. Que Cristo é a solução dos problemas atuais, a solução filosófica, social e psicológica.

6. Há alguma diferença entre uma semana de oração realizada em um colégio e uma igreja?

R. Sim, pelo problema auditório.

Em colégio o auditório estudantil é mais intelectual e mais crítico. A Comunicação tem de ser fortemente intelectual, sem esquecer a parte afetiva.

Grande parte do auditório assiste por obrigação escolar e não por decisão própria.

O auditório professor-obreiro deve ser considerado.

Há um problema aluno-professor pelo problema professor-aluno.

Daí surge a pergunta: Quanto apoio e quanta oração estariam atrás do pastor oficiante?

Em igreja o auditório é voluntário.

O pastor que fez o convite se integra antes e principalmente durante a semana inteiramente no programa, trazendo uma cooperação sem desvios.

O auditório não-jovem está apoiando inteiramente o pastor oficiante, compreendendo que este se esforça por salvar a seus filhos.

Por este motivo e por outros se verá que é mais leve dirigir uma semana de oração em uma igreja.

Mas sempre gostei das Semanas de Oração em Colégios nossos, por me darem a oportunidade, pela segunda reunião diária, para abordar assuntos mais práticos para os jovens, ficando os assuntos espirituais para a reunião da noite.

Para uma semana de oração em colégio, o preparo do dirigente tem de ser mais amplo.

7. Qual é a sua opinião sobre os testemunhos em tais reuniões e sobre os momentos dedicados à oração?

R. Tenho dado muita importância à oração em grupos após o sermão da noite, e acho extremamente útil uma reunião de testemunhos

Tema:

As Semanas de Oração

usando em geral a noite de sexta-feira — o jovem tem a oportunidade de tomar uma posição, ou a primeira vez, ou mais uma vez, e isto lhe faz bem.

8. Que preparo prévio deve ser feito antes das reuniões?

R. Valorização da semana por uma propaganda adequada espiritual e apoio durante a mesma.

Organização do programa e muita oração.

9. Nas consultas feitas pelos jovens durante os anos, quais são as que mais se repetem?

R. O desejo de *confessar* pecados e conseguir poder para se livrar.

10. Se tivesse que resumir em poucas palavras suas recomendações a quem tenha a responsabilidade de dirigir uma Semana de Oração, que diria?

R. 1. Faça uma preparação intelectual e espiritual integral.

2. Procure ver em todos os jovens, mesmo os maus, seus filhos.

3. Procure amá-los e compreendê-los.

4. Procure inspirá-los. Nunca condenar, gozar, ferir ou diminuir.

5. Nunca diga uma coisa que não seja sua absoluta convicção e sua experiência.

6. Tenha tempo para o jovem e seja em todos os contatos, públicos ou particulares, muito bondoso.

7. Mostre-se digno da confiança do jovem e absolutamente digno e franco.

8. Peça de Deus para cada instante a graça de Seu Espírito, porque só Ele dará o crescimento para o que você semear e regar.

SEMANA DE OTIMISMO

Que é isto: Semana de Otimismo? — foi a pergunta de muitos, ao examinarem o plano de evangelização 1972. (COM TIPOS MAIS DESTACADOS.)

É uma semana de pregação para dar o melhor que temos como Igreja, a fim de ajudar o povo a levar os pesados encargos que a vida lhes impõe.

É uma semana para encher o coração de nossos ouvintes com as imensas possibilidades de viver a "vida abundante" que Jesus ofereceu.

É para mostrar que a religião cristã, bem entendida, não é um conjunto de proibições sem sentido, mas é a maneira de solucionar nossos graves problemas e viver em paz com Deus, com nosso próximo e com nós mesmos.

É para apresentar a cruz, já não como objeto que se leve ao colo, ou para adornar torres de igrejas, mas sim como símbolo de uma salvação certa e muito próxima.

É para levar os que só vêem sombras no futuro, a ver a manhã gloriosa da volta de Cristo.

É para arrancar a milhares de pessoas "dum lago horrível, dum charco de lodo," e pôr-lhes os pés "sobre uma rocha," para "firmar os passos," e pôr-lhes "um novo cântico" na boca (Sal. 40:2 e 3).

É para dar o melhor que como pregadores possuímos, aquilo que temos experimentado através do estudo da Bíblia, da oração e do serviço ao próximo, a tanta gente que recorre às drogas, ao álcool ou ao suicídio, no intento de encontrar a vida, ou dela fugir.

É por isso que na semana do otimismo, todas as forças da igreja devem estar unidas, a fim de mostrar ao mundo que encontramos a PÉROLA DE GRANDE PREÇO.

Para a apresentação dos temas da SEMANA DE OTIMISMO, sugerimos ler os livros seguintes: PAZ NA ANGÚSTIA, de Fernando Chaij. A ARTE DE VIVER, de Maurício Tieche. Apresentam excelentes informações para entender os problemas que queremos ajudar a solucionar, além de idéias práticas sobre como fazê-lo.

Os “SIM” e os “NÃO”

dos

Adventistas do Sétimo Dia

ERNESTO H. J. STEED

Diretor do Depto. de Temperança da Associação Geral

MUITOS não-adventistas dizem: “Os senhores não bebem, não fumam, na dançam, não comem carne — que fazem então?”

Os descobrimentos científicos e sociológicos modernos mostram quão prudentes são os adventistas do sétimo dia ao evitar essas práticas. Temos tomado decisões acertadas, entretanto é de lastimar que o povo haja chegado a conhecer-nos em grande medida pelo que não fazemos.

Indubitavelmente a averiguação quanto ao que fazemos tem sido fundamentalmente desatendida, contentando-nos nós com apresentar o que não fazemos, com maior veemência do que o que fazemos.

Isto tem dado a falsa idéia de que, como cristãos, somos contrários à vida bem vivida, contrários aos compromissos “normais.” Em nosso sistema educacional temos acentuado mais vigorosamente, entre os jovens, os “NÃO” do que os “SIM.”

Isto tem levado a um conceito negativo para com a sociedade, muitas vezes um sentido de hostilidade, em vez de interesse ou responsabilidade.

Em poucos minutos a maioria dos adventistas, adultos ou jovens, poderiam enumerar 20 “não,” mas achariam extremamente difícil enumerar 20 “sim.”

Na verdade, se fôssemos mais conscientes dos “sim” nos acharíamos em posição mais firme para resistir às coisas que não nos agradam.

A melhor maneira de eliminar a obscuridade é acender a luz. A melhor maneira de resistir ao mal é fazer o bem. Adotemos atitudes positivas.

Por certo que, com os ideais, princípios e verdades sadios e dignos que possuímos, podemos

com confiança e alegria declarar o que fazemos, defendendo a vida melhor.

Afinal de contas, o que todos querem é vida, uma vida bem vivida. Mostremos-lhes então “algo melhor,” em contraste com as sofisticadas da sociedade moderna. Notemos este conceito positivo de Ellen G. White: “Os habitantes do mundo adoram deuses falsos. Devem ser afastados de seu falso culto, não mediante acusações contra os ídolos, mas apresentando-lhes coisa melhor. Devem ser pregadas as verdades de Deus.”

Ainda, no livro *Educação*, pág. 297: “‘Algo melhor’ é a senha da educação, a lei de todo o verdadeiro viver.”

Devemos enfrentar a intemperança com a temperança, o pecado com a salvação, o ódio com o amor, com a verdade o erro.

A temperança, que significa domínio próprio, só é possível mediante a providência do Espírito Santo (Gál. 3:5).

Esta restauração ajudará o homem em sua quádrupla dimensão da vida: física, mental, social e espiritual. Descobrimos então que a saúde é a recompensa da temperança. A agilidade mental, as graças sociais e a vitalidade espiritual seguirão também na esteira de uma semelhante transformação positiva.

Minha súplica é que pensemos na vida melhor quando pensamos na temperança. Mostremos ao mundo “como viver,” “que fazer” e a notável recompensa da obediência da verdade, a realidade de “algo melhor.”

Não poderíamos aprender de memória pelo menos 10 destes “sim” e quando quer que se apresente a oportunidade, ou mesmo não se apresentando, dirigir a conversa, ou o estudo público, a alguns destes “sim”?

DEZ COISAS QUE OS ADVENTISTAS FAZEM PARA DESFRUTAR A VIDA

1. Gostam de granjear amigos entre todos os homens.
2. Recreiam-se ao ar livre — mantendo ideais de comunhão com a Natureza.
3. Fazem do comer e beber um aspecto delicioso e saudável da vida.
4. Acham prazer e recompensa na vida espiritual.
5. Trabalham arduamente a fim de mais poder contribuir para a educação cristã e o bem-estar da sociedade.
6. Usam o seu domínio próprio para, com o auxílio de Cristo, conseguir um desenvolvimento equilibrado.
7. Proclamam zelosamente o breve regresso de Jesus — o futuro brilhante.
8. Oferecem soluções para o problema de vícios como o fumo, o alcoolismo e as drogas.
9. Apreciam as excursões e viagens, tendo em vista bons propósitos e recreação.
10. Fazem da Bíblia seu guia para a vida plena, aqui e no além.

INFORME-SE MAIS DO QUE FAZEM E NÃO FAZEM OS ADVENTISTAS

(Endereço)

Devemos fazer isto não com jactância, mas como num ambiente de novos descobrimentos, de felicidade, de satisfação pela sábia escolha da vida verdadeira.

Consolidação Espiritual

(Continuação da pág. 15)

para a criação de gado. Não queriam mais atravessar o Jordão. Disseram uns aos outros: "Fiquemos por aqui!"

Ouçamos o que lhes disse Moisés: "Irão vossos irmãos à guerra, e ficareis vós aqui?" Núm. 32:1, 5 e 6.

Digo hoje: Irão vossos irmãos à Missão 72, pregando a mensagem, e vós aqui ficareis sentados, pregando acerca de pecado, culpa, psicologia? Que tal? Inflamemos as igrejas com a mensagem certa: "Ide e pregai o evangelho a todo o mundo!"

"Temos crescente luz. Temos uma mensagem solene e de peso para dar ao mundo, e Deus deseja que Seus escolhidos discípulos tenham uma experiência profunda e sejam dotados do poder do Espírito Santo." — *Testemunhos para Ministros*, 173.

Esta é a consolidação espiritual que se tem que efetuar em nossa igreja hoje. Todos os limites de discórdia, pecado e egoísmo têm que ser removidos. Temos de estar unidos em oração, estudo da Bíblia e pregação da Sua vinda. Por quê? "O Senhor vem. Ouvimos os passos de um Deus que Se aproxima, ao vir Ele punir o mundo por sua iniquidade. Temos que preparar-Lhe o caminho mediante o desempenho de nossa parte em preparar um povo para esse grande dia." — *Evangelismo*, 219. (Sermão pronunciado no Concílio da União Setentrional, em Mineápolis, Minesota, Estados Unidos, em 31-10-1971.)

Igrejas a Venda

DUAS notícias aparecidas em *The Ministry* merecem ser comentadas. No número de junho de 1971, na página 23, lemos que nada menos que 700 igrejas podem ser declaradas vagas nos próximos dez anos e oferecidas à venda.

No número seguinte, de julho de 1971, pág. 45, depois de apresentar dados sobre templos que serão vendidos especialmente por motivo da fusão de congregações através do ecumenismo, o articulista adverte as igrejas adventistas a que estejam alertas para comprar "edifícios de igrejas que estão vazias, ou serão logo desocupadas."

Graças a Deus nosso problema não consiste em templos vazios ou abandonados. Ao contrário, é o de templos que já não podem abrigar o número de pessoas sedentas da verdade, que vêm em busca de Deus. Pelo menos, é o fenômeno que se verifica em todos os lugares onde há fervor evangélico.

Com a colheita abundante que sem dúvida veremos realizar-se nos próximos meses, teremos que também nós estar alertas aqui, se se apresentarem oportunidades semelhantes. A mesma notícia de *The Ministry* acrescenta que em Horton, Kansas, a igreja adventista adquiriu por apenas 5.500 dólares um templo avaliado em mais de 50.000 dólares.

O templo tem capacidade para 250 pessoas e tem órgão de tubos, cozinha totalmente instalada, sub-solo e amplas comodidades para Escola Sabatina e outras atividades.

Graças a Deus, podemos comprar os templos vagos! — R. P.

Os Adventistas do Sétimo Dia Respondem a PERGUNTAS SÔBRE DOCTRINA

COMO OS ADVENTISTAS COMPREENDEM O MILÊNIO

Pergunta 39

Que entendem os adventistas acerca da situação cronológica do milênio em relação ao fim dos séculos, à natureza das duas ressurreições, à seqüência dos seus acontecimentos mais importantes, e ao final do período milenial e sua seqüela?

A palavra "milênio" tem assumido um sentido especial no pensar da maioria dos cristãos, isto é, um período de mil anos durante o qual Cristo, com os Seus santos, reinará na Terra, em meio à abundância, à paz e a uma justiça sempre crescente. A palavra não ocorre na Bíblia. Deriva-se de duas palavras latinas: *mille* e *annu*, isto é, mil anos. [Achamos bem dispensável esta explicação, usada pelos pregadores americanos, pois em português a palavra explica-se a si mesma: temos biênio, triênio, quadriênio (ou quatriênio) etc.] Apoc. 20:2-7 prediz um reinado de mil anos, dos santos com Cristo, mas não há nesse capítulo uma afirmação de que os santos reinarão com Cristo na Terra durante esse período.

A visão que delineia os mil anos pertence a uma série que tem de ser considerada como seqüência cronológica, se é que queiramos situar o milênio em sua devida relação com outros acontecimentos escatológicos. Apoc. 19 descreve a segunda vinda de nosso Senhor. O cap. 20 fala da prisão de Satanás, de duas ressurreições com intervalo de mil anos, do julgamento geral dos malfetores, e sua destruição no lago de fogo. Apoc. 21 pinta a descida da Cidade Santa, a Nova Jerusalém; e o cap. 22 continua a descrição da cidade e das alegrias dos remidos no estado eterno. Parece não existir nesses capítulos coisa alguma que indique não ser essa uma seqüência cronológica de acontecimentos. Com o auxílio de passagens paralelas da Bíblia, que descrevem a segunda vinda de Cristo, a ressurreição e o castigo final dos ímpios, é possível esboçar os acontecimentos do milênio de princípio a fim, com exatidão perfeita.

I. Segunda Vinda de Cristo

Em Apoc. 19 Cristo é descrito, por ocasião

de Sua segunda vinda, como poderoso guerreiro, a dirigir os exércitos do Céu a fim de batalharem contra as hostes do mal (vs. 11-16). Isto mostra o efeito de Sua vinda sôbre os perdidos.

Em Apoc. 14 Cristo é apresentado vindo numa nuvem, coroado Rei dos reis. Nesse capítulo a reunião dos justos e dos ímpios é descrita sob a figura de uma ceifa. Nos vs. 15 e 16 os justos são reunidos como "a seara da Terra." Os ímpios são colhidos como "cachos da videira da Terra," "amadurecidos," e lançados "no grande lagar da cólera de Deus" (vs. 18 e 19). Esse "lagar" é mencionado de novo no cap. 19, onde se diz que Cristo "pessoalmente pisa o lagar do vinho do furor da ira de Deus Todo-poderoso" (v. 15).

II. A Morte de Todos os Pecadores

Aos pecadores rebeldes da Terra Cristo vem como juiz e vingador, com glória avassaladora, com fogo e espada, em batalha final contra as hostes dos homens maus, que assumem sua derradeira posição de desafio a Ele, e Ele oferece às aves a carne de reis, capitães e homens poderosos, e de todos, quer livres, quer escravos, assim pequenos como grandes (Apoc. 19:17-19). Em outra parte a Revelação descreve a mesma classe de pessoas acovardadas diante da face do Cordeiro, e das perturbações da Natureza, que acompanham o segundo advento: os céus enrolando-se como um pergaminho, e todos os montes e ilhas movidos de seus lugares (Apoc. 6:14-17). No cap. 19 assim como no 14, o efeito da vinda de Cristo é descrito sob a figura do pisar as uvas num lagar, com sangue a sair do lagar, na extensão de mil e seiscientos estádios (Apoc. 14:20). Dificilmente se poderia descrever mais ao vivo uma destruição cabal. Não só a Natureza coopera na convulsão que transforma a geografia da Terra e derriba toda a obra das mãos humanas, mas toda e qualquer oposição organizada contra Deus vem a termo súbito, enquanto os homens individualmente tremem perante seu Criador, e verdadeiro Rei e Senhor.

A "besta" e o "falso profeta," símbolos da apostasia organizada (em visões anteriores do

Apocalipse), e que são acusados de enganarem os homens maus, levando-os a contínua rebelião contra Deus, são descritos como lançados vivos num lago de fogo (Apoc. 19:20). O apóstolo Paulo, visualizando com olhos proféticos a corrente do tempo, descreveu o mistério da iniquidade, num nome personalizado: “o iníquo” (II Tess. 2:8), “a quem o Senhor Jesus matará com o sopro de Sua boca, e o destruirá, pela manifestação de Sua vinda.” E Apoc. 19 assim termina a descrição da ruína total dos ímpios; “Os restantes [pecadores] foram mortos com a espada que saía da boca dAquele que estava montado no cavalo. E todas as aves se fartaram das suas carnes” (v. 21). Embora se trate aqui de figuras de linguagem e simbolismo profético, podemos concluir que todos os injustos que não perecem nessas convulsões serão destruídos pelo fulgor da visível presença de Cristo, ao aparecer Ele ‘em chama de fogo, tomando vingança contra os que não conhecem a Deus.’ II Tess. 1:8.

III. O Aprisionamento de Satanás

O acontecimento seguinte, descrito no livro de Apocalipse (cap. 20:1-3), é o aprisionamento de Satanás com uma grande corrente, ele sob a figura de um dragão, a fim de que, por mil anos, não mais engane os homens. Visto como é essa uma cena simbólica, não é preciso supor que a corrente ou o abismo sejam literais. O dragão representa Satanás, e o sentido dos outros símbolos podemos deduzir do contexto. Os seguidores de Satanás foram todos destruídos, com a vinda de Cristo. Os justos, como veremos na próxima seção, são removidos do domínio dele. A Terra está completamente desolada, juncada de cadáveres. Basta, então, compreender pelos símbolos, que por ordem divina Satanás é circunscrito à Terra, para aqui, por mil anos, refletir nos resultados de sua rebelião contra Deus.

IV. A Ressurreição dos Justos

Muda-se o cenário. João vê tronos de julgamento e assentados neles os bem-aventurados e santos que têm parte na primeira ressurreição (Apoc. 20:4 e 6). “Viveram [de novo] e reinaram com Cristo durante mil anos” (v. 4). Especificamente João vê os mártires e os que alcançaram a vitória sobre a besta e sua imagem (símbolos proféticos da apostasia, dos caps. 13 e 14). Porventura os que hão de reinarmos com Cristo durante os mil anos, abrangem mais do que os mártires e fiéis da última geração, que resistiram à lãbia da apostasia? A resposta tem de ser procurada em outras passagens que descrevam a ressurreição que segue à segunda vinda de Cristo em poder e grande glória. Em parte alguma da Bíblia (a não ser que isto se dê em Apoc. 20) se menciona uma ressurreição só de

mártires; há, porém, referências à “ressurreição dos justos” (S. Luc. 14:14), e à “ressurreição da vida” em contraste com a “ressurreição do juízo” (S. João 5:29), o que corresponde à divisão que Apoc. 20 faz entre as duas ressurreições. “Os que são de Cristo” ressuscitam “na Sua vinda” (I Cor. 15:23). “Os mortos em Cristo ressuscitarão” quando o Senhor descer do Céu, com “a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus” (I Tess. 4:16). Em outra parte há referência ao caso: “Ao ressoar da última trombeta. A trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis” (I Cor. 15:52). E Jesus descreveu Sua vinda, nas nuvens do céu — visível a todos, e lamentada pelas tribos da Terra, não preparadas para recebê-Lo — como a ocasião em que, ao soar a trombeta, os “Seus escolhidos” serão reunidos, de toda a Terra (S. Mat. 24:30; S. Mar. 13:26 e 27). Todas estas descrições de uma vinda gloriosa, visível e audível, com o som de trombetas, acham-se relacionadas com o ajuntamento dos eleitos de Cristo, a ressurreição dos que morreram em Cristo, e a transformação da mortalidade em imortalidade. Trata-se, é óbvio, da primeira ressurreição, de Apoc. 20.

V. A Trasladação dos Justos Vivos

O profeta João viu, assentados nos tronos do julgamento, os que “não adoraram a besta, nem tampouco a sua imagem, e não receberam a marca na fronte e na mão” (Apoc. 20:4). Visto como haverá apenas duas classes de pessoas na Terra quando Cristo vier — os justos e os pecadores, as “ovelhas” e os “cabritos” (S. Mat. 25:32 e 33) — os que não adoraram a besta devem representar os vivos justos da última geração, que não dobraram os joelhos à apostasia, e estão preparados para dar as boas-vindas a Cristo quando vier. O apóstolo Paulo descreve esse bendito acontecimento: “Nem todos dormiremos [morreremos], mas transformados seremos todos... ao ressoar da última trombeta. A trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis, pois “o corpo mortal” se revestirá de “imortalidade” (I Cor. 15:51-53). Isto se dará quando “nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares” (I Tess. 4:17).

VI. Todos os Justos Levados Para o Céu

João, em sua visão dos justos durante os mil anos, não especifica exatamente onde terá lugar o reinarmos com Cristo. Diz simplesmente: “Vi também tronos, e nestes sentaram-se aqueles aos quais foi dada autoridade de julgar... E viveram e reinaram com Cristo durante mil anos” (Apoc. 20:4). Outras passagens, porém, esclarecem o caso. Segundo I Tess. 4:17, acima citado, os justos serão arrebatados para “o en-

contro do Senhor nos ares," "entre nuvens." Daí concluímos que Cristo, quando de Sua segunda vinda, não tocará a Terra, poluída pelo pecado, mas "enviará os Seus anjos, com grande clangor de trombeta, os quais reunirão os Seus escolhidos, dos quatro ventos, de uma a outra extremidade dos céus" (S. Mat. 24:31).

E o lugar para o qual os salvos serão levados nessa ocasião é indicado pelas próprias palavras do Salvador, ao confortar os discípulos na véspera de Sua crucifixão: "Na casa de Meu Pai há muitas moradas. Se assim não fora, Eu vo-lo teria dito. Pois vou preparar-vos lugar. E quando Eu for, e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para Mim mesmo, para que onde Eu estiver estejais vós também." S. João 14: 2 e 3. O lugar ao qual Cristo levará os Seus santos é descrito como "a casa de Meu Pai," onde há "muitas moradas." Impõe-se a idéia de que o destino dos justos, por ocasião do segundo advento de Jesus, será o Céu, e não a Terra, da qual serão removidos quando soar a última trombeta.*

* Apoc. 5:10 é às vezes citado para provar que os santos reinarão com Cristo na Terra, durante o milênio. A passagem diz: "E para o nosso Deus, os constituíste reino e sacerdotes; e reinarão sobre a Terra." A expressão "reino e sacerdotes" desta passagem, é semelhante a uma expressão em Apoc. 20: "Serão sacerdotes de Deus e de Cristo, e reinarão com Ele os mil anos." Não há coisa alguma em Apoc. 5:10, ou em seu contexto, que obrigue a aplicar esse "reinar" sobre a Terra, ao período de mil anos, de Apoc. 20. O problema é o seguinte: Poderemos considerar paralelas essas passagens? A exegese não pode responder à pergunta. Os adventistas do sétimo dia creem que esse "reinar sobre a Terra" se aplique aos justos após terminado o milênio, quando os santos, com Cristo e a cidade santa, volta à Terra. (Ver Apoc. 21 e 22.) Então, destruídos pecado e pecadores, os justos reinarão com Cristo através de toda a eternidade.

Assim temos uma explanação do que acontece às duas classes, sobre a Terra, quando o Senhor vier. Enquanto uma é deixada na Terra, todos mortos, para ser consumidos pelas aves, a outra é levada, vivos todos, para estar para sempre com o Senhor.

VII. O Julgamento e os Mil Anos

O apóstolo João descreve, muito concisamente, as atividades dos remidos no Céu: "Reinaram com Cristo durante mil anos" (Apoc. 20:4). Bem se poderia fazer a pergunta: Sobre quem reinarão os santos, se todos os ímpios foram destruídos? Que os santos receberão o reino acha-se especificamente declarado em outras passagens. Quando o sétimo anjo tocar a trombeta, "o reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do Seu Cristo" (Apoc. 11:15). E Daniel diz que "o reino e o domínio, e a majestade dos reinos serão dados ao povo dos santos do Altíssimo" (Dan. 7:27). Os santos estiveram sob o opressor domínio dos reis que beberam do vinho da prostituição de Babilônia (Apoc. 18:3). Agora invertem-se os papéis, e os santos do Altíssimo dominam sobre os opressores. É verdade que os ímpios estão mortos, mas voltarão

à vida no final do milênio (Apoc. 20:5). Ficam, por assim dizer, reservados, para receber mais tarde seu castigo. O exercício do domínio dos justos sobre os ímpios é indicado na expressão: "Aqueles aos quais foi dada autoridade de julgar" (v. 4), e: "reinaram com Cristo" (v. 4), a quem foram dados "todos os domínios" (Dan. 7:27).

No estudo sobre o juízo investigativo (ver pergunta 36) foram tratados estes aspectos da obra do julgamento total, que logicamente terá de ser concluída antes que Cristo volte em glória. Lá mostramos que os casos dos que serão salvos terão de ser examinados antes do segundo advento, e terão de ser "havidos por dignos de alcançar a era vindoura e a ressurreição dentre os mortos" (S. Luc. 20:35), e também de "escapar de todas estas coisas [as perturbações preditas por Cristo]... e estar em pé na presença do Filho do homem" (S. Luc. 21:36). Visto como todos os ímpios vivos na Terra por ocasião da vinda de Cristo sofrem a primeira morte — a morte comum a toda a humanidade — e não vivem de novo senão depois de mil anos, as decisões acerca de sua punição não precisam ser tomadas antes do segundo advento.

Em Apoc. 20 a palavra "julgar" é do grego *krima*, que geralmente significa "sentença, veredicto" ou "decisão tomada." Aqui *krima* parece significar a autoridade de passar sentença. A passagem não se refere a um veredicto em favor dos justos. Na Septuaginta, em Daniel a palavra para "juízo" é *krisis*, o "ato de julgar;" mas na versão grega teodociana está *krima*. A obra do julgamento a que se refere o revelador é sem dúvida a mesma a que se refere o apóstolo Paulo: "Não sabeis que os santos hão de julgar o mundo?... Não sabeis que havemos de julgar os próprios anjos?" (I Cor. 6:2 e 3). A obra do julgamento bem pode abranger uma cuidadosa investigação dos registos dos homens maus e a decisão acerca da proporção de castigo devido a cada pecador, pela parte que teve na rebelião contra Deus.

A justiça requer que os grandes pecadores sejam punidos mais severamente do que aqueles cujos pecados foram de natureza menos grave. Certo, todos os pecadores serão punidos com a morte eterna, mas não se pode conceber que a extinção final seja uma punição graduada. É o sofrimento antes da segunda morte que pode dar a medida correspondente à extensão da responsabilidade pessoal do pecador, por sua rebelião. O próprio Cristo estabeleceu o princípio: "Aquele servo, porém, que conheceu a vontade de seu senhor e não se aprontou, nem fez segundo a Sua vontade, será punido com muitos açoites. Aquele, porém, que não soube a vontade do seu senhor e fez coisas dignas de reprovação, levará poucos açoites." S. Luc. 12:47 e 48.